

MÚSICA E EMPODERAMENTO FEMININO: UMA ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO SOCIAL ENEGRECER

Karollainny Costa Teles ¹, Karolayne Cardoso da Silva ¹, Ester Denise Tavares Lourenço¹, Marta Kalyne ¹, Sabrina Silva de Carvalho²

¹Discentes do curso técnico integrado em Informática – IFTO. e-mail: karollainnyteles@hotmail.com

²Mestre em Desenvolvimento Regional e professora EBTT de Sociologia – IFTO. e-mail: sabrina.carvalho@ifto.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as principais músicas do movimento social jovem: ENEGRECER com o intuito de entender como se desenvolve o empoderamento das jovens negras em uma perspectiva intimista e sob um enfoque da beleza afirmativa. O movimento social Enegrecer surgiu na Bahia e disseminou por todo o Brasil pautando-se na ideologia política de resistência ao preconceito, ao cenário capitalista, ao machismo objetivando organizar jovens negros e negras, visando a busca efetiva da cidadania dos jovens que compõem a classe de minorias sociais, ou seja, dos grupos que estão totalmente ou parcialmente desprotegidos pelo estado. O primeiro momento deste trabalho será elucidado alguns aspectos conceituais acerca do que trata os movimentos sociais, posteriormente se fará uma análise das músicas que enaltecem a beleza e o empoderamento das mulheres negras.

Palavras-chave: Enegrecer, empoderamento, jovens, negros

1. INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais se constituem como objeto de análise da sociologia e ferramenta política de transformações sociais. Conforme Tomazi (2010), os movimentos sociais são ações coletivas com o objetivo de manter ou mudar uma situação. Os principais movimentos sociais reconhecidos pelas diversas classes sociais foram os operários que inseriram as greves por melhores condições de trabalho. Atualmente podemos repensar os movimentos sociais como atuação política em diferentes cenários sociais, sobretudo, nos cenários que cooperam para a valorização do negro na sociedade, inclusive a brasileira.

Este trabalho busca desenvolver uma análise acerca do movimento negro no Brasil, enaltecendo sua importância para o empoderamento das jovens negras ao que concerne a sua força política, sua presença no âmbito educacional e sua resistência a partir da beleza. Um dos movimentos que podemos destacar e terá ênfase neste trabalho é o movimento Enegrecer. Infelizmente, o preconceito é uma realidade constante contra as mulheres negras, visto que a situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país.

A situação de vulnerabilidade que encontra-se a mulher negra pode ser verificável na educação, no trabalho, nas relações pessoais e as consequências do preconceito que este público sofre pode ser visto no racismo institucional ou social. Conforme o Ipea, as mulheres têm menos participação no mercado de trabalho e são mais acometidas pelo desemprego. No entanto, enquanto a taxa de desocupação das mulheres brancas é mais de 70% superior a dos homens brancos, a desocupação das mulheres negras excede em mais de 130% este parâmetro. O desenvolvimento de

vínculos mais frágeis com o mercado de trabalho afasta, destes segmentos populacionais, possibilidades mais eficazes para saída da pobreza.

Com o objetivo de compreender como os movimentos sociais atuam para empoderar a mulher, este artigo analisa três músicas que enfatizam a beleza da mulher negra.

2. UMA BREVE ANÁLISE SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Segundo Torrow (2006) , é na sociedade civil que ocorrem os conflitos econômicos, políticos e religiosos e estes conflitos podem ser resolvidos pelas referentes instituições, porém, quando essas resoluções não acontecem , a participação social se torna um mecanismo de mudança. Assim, os movimentos sociais passam a surgir a partir do século XIX, como expansão da atividade política, defendendo interesses próprios, com o intuito de provocar mudanças institucionais, utilizando-se de formas de organização e atuação não-convencionais, ou seja, passeatas, atos de violências, etc

Na literatura sociológica se fez presente uma importante diferença entre movimentos sociais “velhos” e movimentos sociais “novos”. Os velhos movimentos sociais, na concepção de Alain Touraine, foram associados à ideia de revolução, e a partir desta associação deu-se origem a uma clara orientação tática para o poder, a violência e o controle.

Touraine (1977, p. 323) chamou a atenção para uma “confusão” intelectual que restringiu o foco dos atores revolucionários ao campo da economia. A “garantia metassocial” desses primeiros movimentos, acredita Touraine, foi definida pelo “modelo cultural” gerado pela “sociedade industrial”, que aparentemente sugeria que qualquer mudança social significativa teria de “coincidir com o campo das relações econômicas”.

Os teóricos contemporâneos dos movimentos sociais secularizaram o modelo clássico inspirado por Marx que adotava a teoria do conflito. Assim, os movimentos sociais passaram a ser vistos como respostas práticas e coerentes à distribuição desigual das privações sociais criada pela mudança institucional, despojando-o da teologia revolucionária. Ademais, o processo de secularização do modelo clássico ignorou as dimensões morais e afetivas da ação coletiva, enfatizando em seu lugar as limitações decorrentes da existência de redes interligadas e da disponibilidade de organizações (LIMA, 2013, pág. 23)

Logo, podemos concluir que os movimentos sociais antigos tomavam como base a revolução, o progresso e as mudanças nas estruturas de trabalho. Já os “novos” movimentos sociais preocupam-se com as transformações na vida moderna quer seja no que há presente nas novas relações de família, ou no que encontramos nas relações ambientais e outros.

Na compreensão de Maria da Glória Gohn, são novos os movimentos das mulheres, os ecológicos, os que se colocam contra a fome e outros, todos sinalizando em princípio um distanciamento do caráter classista.²¹ Portanto, os novos movimentos sociais desenvolvem ações particularizadas relacionadas às dimensões da identidade humana.

Podemos incluir como os novos movimentos sociais, as atuações no campo político de jovens negras que ao lutarem contra o racismo estabelecem seu espaço no campo educacional e

profissional. Pois, jovens que se fortalecem em sua identidade podem se transformar profissionais, discentes e esposas que afirmam o seu empoderamento e se libertam de certas amarras de cunho ideológico, o exemplo disso: é se reconhecer como bonitas com o cabelo crespo e com roupas que são símbolos de resistência a suas matrizes africanas.

3. UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O MOVIMENTO SOCIAL ENEGRECER

O coletivo nacional de Juventude Enegrecer surge como espaço auto-organizativo dos jovens militares negros e negras da Kizomba, corrente política que desde 1999 constrói e disputa rumos da União Nacional dos Estudantes. Em setembro de 2009 reunidos na cidade de Salvador – BA os militantes do “ Enegrecer Kizomba” oriundos de diferentes estados definiram a ampliação do espaço de atuação política. A luta desde grupo reflete em alguns campos sociais, bem como:

- A luta pela liberdade
- A luta contra o racismo
- Protagonismo Juvenil
- Soberania Popular
- Democracia Socialista
- Feminismo.

A ênfase deste estudo é na atuação do Enegrecer na construção do feminismo das jovens negras, conforme o grupo a luta contra a opressão das mulheres e combate às práticas machistas faz parte do programa do movimento, para que as mulheres sejam parte do “sujeito” histórico de transformação.

O Feminismo Negro é um movimento social e um segmento protagonizado por mulheres negras, com o objetivo de promover e trazer visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. No Brasil, seu início se deu no final da década de 1970, a partir de uma forte demanda das mulheres negras feministas: o Movimento Negro tinha sua face sexista, as relações de gênero funcionavam como fortes repressoras da autonomia feminina e impediam que as ativistas negras ocupassem posições de igualdade junto aos homens negros; por outro lado, o Movimento Feminista tinha sua face racista, preterindo as discussões de recorte racial e privilegiando as pautas que contemplavam somente as mulheres brancas.

O problema da mulher negra se encontrava na falta de representação pelos movimentos sociais hegemônicos. Enquanto as mulheres brancas buscavam equiparar direitos civis com os homens brancos, mulheres negras carregavam nas costas o peso da escravatura, ainda relegadas à posição de subordinadas; porém, essa subordinação não se limitava à figura masculina, pois a mulher negra também estava em posição servil perante à mulher branca. A partir dessa percepção, a conscientização a respeito das diferenças femininas foi ganhando cada vez mais corpo. Grandes nomes da militância feminina negra foram fazendo história, a exemplo de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro.

4. MÚSICA E EMPODERAMENTO – Projeto feminista Enegrecer

A utilização da música nas ciências humanas têm como objetivo dinamizar e diversificar a análise social e política. Neste sentido, analisaremos músicas que são utilizadas no movimento social Enegrecer, estas músicas foram escolhidas conforme prévia análise.

Música 1 – Alisar pra quê? / Autora: Dona Imperatriz

**Preta, cê vai alisar pra quê?
Deixe seu cabelo aparecer
Até porque pelo traço, pela cor já da pra ver
O sarará que você tanto tenta esconder
Preta, cê vai alisar pra que?
Deixe seu cabelo aparecer
Até porque pelo traço, pela cor já dá pra ver
Um sarará crioulo**

**Formosura, seu cabelo é a moldura
É doce mas não é mole, que nem rapadura
É pedra noventa, só enfrenta quem aguenta
Quem se assume como é pro time entra
Entre porta, entre mil e portais
Quebra de convenção, revolução para os iguais
Mas preta, cê vai alisar pra quê?
Se é bem melhor deixar sua negritude aparecer
Até porque a energia que se gasta pra esconder**

**É perdida na expressão do seu ser
Nem bom, nem mau
Nada mais do que cabelo natural
É um cabelo de negô, de quem não negou
Sará, pixaim, fuá, bombril
Miscigenação no brasil
Um cabelo de negô, de quem não negou
Sará, pixaim, fuá, bombril
Miscigenação no brasil
Alisar pra quê?**

No movimento Enegrecer, quando há encontro de jovens negras, uma das músicas que as lideranças estimulam a aprender e cantar é esta: “ Alisar pra quê?”, a ênfase que é possível compreender nesta música é que o cabelo natural é uma revolução, uma resistência. A música critica o alisamento por ser artificial e por proporcionar um trabalho desnecessário que esconde a beleza natural das meninas negras. Nesse sentido, o cabelo é uma quebra de convenções: o arrumado e alisado passa a ser cacheado e transformador. “ Sarará , bombril, crespo quando a negra assume a sociedade deve aceitar e respeitar a condição de beleza da negra que legitima a sua identidade.

MÚSICA 2 – FALSA ABOLIÇÃO AUTOR : (TARJA PRETA)

**Tô cansada do embranquecimento do Brasil
Preconceito racismo como nunca se viu
Meninas negras não brincam com bonecas pretas
Foi a Barbie que carreguei até a minha adolescência**

**Porque não posso andar no estilo da minha raiz
Sempre riam do meu cabelo e do meu nariz
Na novela sou empregada
Da globo sou escrava
Não me dão oportunidade aqui pra nada**

**Sou revolucionária negra consciente
Não uso corpo, eu não me mostro eu uso a mente
Só afro descendente você vai ter que me aceitar assim
Cabelo enraizado é bom pra mim**

**Patrão puto que não me contrata na sua empresa
Porque não tenho olho claro, ele não me aceita
Eu entro no seu comércio
Eu gasto, eu consumo
Ai você me aceita
Isso é um absurdo**

**Dinheiro não tem cor, mais pra trabalhar tem
Há muitos negros vencedores
Eu digo amém**

**Negra mudando de cor não é normal
Pra poder ser aceita no país do real
Não troco minha raça
Por nada essa é minha casa
Mais uma negra militante mostrando a cara**

**Branco correndo tá atrasado
Preto correndo tá armado
E é tiro da polícia para todos os lados**

**Genocídio cresce no meu povo negro
Porque temos que morrer
Só porque somos pretos
Polícia racista, raça do diabo
Estão nas ruas correndo
Pra todos os lados
Com sangue no olho, em desespero
Pego o negro estudante e fala que é suspeito**

**20 de novembro, não nasceu por acaso
Zumbi Palmares lutou e foi executado
Teve sua cabeça cortada, salgada e espetada
Num poste em Recife na luta pela causa
Sou quilombola, descendente do guerreiro Zumbi
Não é você sistema opressor, que vai me impedir de sorrir**

Esta segunda música é composta por estrofes que contextualizam o preconceito racial e momentos de resistência política, logo na primeira estrofe é possível perceber a relação entre o racismo com o branqueamento no Brasil. A referência deste primeiro momento da música é a opção de brincadeiras das meninas que quase sempre se restringe a bonecas brancas. Numa perspectiva sociológica essa dimensão de branqueamento logo na primeira infância pode gerar uma identidade deturpada a criança negra, por isso logo nos primeiros momentos de vida é necessário estabelecer um elo entre o “brincar” com a diversidade que vivemos socialmente.

Já a segunda estrofe o autor tece uma crítica ao papel do negro nos meios de comunicação, que quase sempre é uma construção negativa do papel social dos negros que em suas representações midiáticas assumem papéis de empregadas domésticas, isso pode gerar uma auto-estima baixa. Mas na terceira estrofe a música demonstra um grito de liberdade e consciência de aceitação do potencial e de sua força física. Outro aspecto presente na música é a questão trabalho-exploração, quase sempre o trabalho que a sociedade oferece aos negros é subalterno, os negros são excluídos de melhores empregos, bem como salários altos. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2014 a pesquisa analisou a condição do trabalho entre brancos e negros conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), os homens (negros e brancos) , continuam sendo a maioria no mercado de trabalho, com uma taxa de 80% de presença, enquanto as mulheres negras não chegam a 60% de ocupação em postos de trabalho.

Ao final a música faz a referência a Zumbi de Palmares uma referência histórica de resistência racial e política, esse líder contribuiu para a formação de quilombos. Entende-se por quilombos “ uma estrutura, pela implementação de uma outra forma de vida, de uma outra estrutura política na qual se encontraram vários tipos de oprimidos, constituindo laços de solidariedade e o uso coletivo da terra formando uma base para existir uma sociedade mais fraterna” (Silva, 2012, pág,03). Podemos perceber que o fim da música remete a uma força que a comunidade negra pode encontrar frente as vicissitudes da vida presentes na exclusão do mundo do trabalho, do campo educacional, dentre outros.

6. CONCLUSÕES

Adquirimos a consciência de problemas que caracterizam uma sociedade preconceituosa, atualmente a classe menos favorecida é pobre e negra, infelizmente o racismo é um problema social e histórico , o reconhecimento desse problema é um importante passo para a transformação social e o reconhecimento da diversidade.

O racismo está ligado à exploração. As classes dominantes sempre buscaram aproveitar-se das diferenças de cor, gênero, nacionalidade, região, etc, para construir assim uma hierarquia na exploração. Essa hierarquia ao mesmo tempo divide os explorados em níveis diferentes de exploração (mais e menos explorados) e também justifica que uns sejam mais explorados por... serem negros.

No Brasil, conforme o capitalismo se estabelecia como sistema econômico, o racismo do período escravista foi assimilado, pois isso permitia aos empresários aplicar níveis mais intensos de exploração sobre os negros e as

mulheres negras em particular, embora desde o início tivesse havido inúmeras formas de resistência. No topo dessa hierarquia de exploração encontram-se a burguesia e seus agentes: o Estado, a mídia, a Igreja, setores da classe mais alta que incorporam os interesses da burguesia.

Assim, a conclusão mais importante que tiramos, mas que não é de forma alguma unânime, é que para acabar de vez com o racismo é preciso acabar também com o capitalismo e com toda forma de exploração do homem pelo homem.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Angela. As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. In: Lua Nova, Núm. 76, 2009, pp. 49-86. Disponível em: . Acesso em 24 de novembro de 2010.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, Evelina (org.). Os Anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COHEN, Jean; ARATO, Andrew. Sociedad Civil y Teoria Política. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

SYDOW. Alcântara. Vida e Resistência: Comunidades Remanescentes de Quilombos de Alcântara, Maranhão. São Paulo, Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2004.

Sítio de Centro de Cultura Negra do Maranhão. www.ccnma.org.br

GOHN, Maria da Glória. M. Reivindicações Populares Urbanas. São Paulo: Cortez, 1982. GOHN, Maria da Glória. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.